

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Cômposto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

As nossas estações de turismo

No ultimo artigo falámos em modernisar e higienisar os hotéis, ou melhor em criar o que absolutamente nos falta para podermos apregoar as belezas turísticas do Paiz — não julguem que exagero; o nosso patrimonio, a tal respeito corresponde, a zero — e em erguer do nada as regiões de cura e turismo indispensaveis a uma boa assistencia e ao progresso e ao desenvolvimento deste recanto europeu.

De facto, devemos colocar em primeiro lugar — quem o duvida? — o problema da assistencia e depois, e paralelamente, o do turismo, seu irmão gêmeo. Numa palavra — devemos fazer assistencia aos enfermos (a que mais importa) e a assistencia aos sãos, que, com aquela, estreitamente se irmana. E' o que tem acontecido em toda a parte do mundo. E nós não podemos constituir uma excepção á regra, embora muita gente erradamente pense o contrario.

Ora, sendo assim, nota-se sem mais demora, que em Portugal o problema tem sido mal posto em equação — o que embaraça e até impede, por completo, a sua resolução. Inicialmente criaram-se as comissões de turismo e deixaram-se no olvido as comissões de higiene regional e local — quando é certo que estas deviam preceder aquelas ou ao menos coexistirem para cooperarem na mesma obra de filantropia e utilidade publica e de defesa social, lutando contra a doença e do mesmo passo fomentando a riqueza nacional.

E aqui temos nós outro ponto basilar. E' preciso criar desde já em todo o Paiz, nas cidades, vilas e aldeias — porque ainda não existem, reparem bem no atrazo que isto representa — e com poderes nitidamente marcados, as comissões de higiene e assistencia, como as tem as nações mais civilizadas: Suissa, Alemanha, França, Belgica e Paizes Nordicos. Só por tal modo poderemos acabar com essa vergonha, com essa indecencia, que tudo nos envenena desde a alimentação ao ar que respiramos a todos os momentos, elevando espantosamente, como já tivemos ensejo de constatar no «Primeiro de Janeiro», a percentagem da mortalidade: Braga, 46,3, Porto, 32,8 e Lisboa, 26,3 (anos de 1916 a 1920).

Ha pouco mezes, visitando uma das mais concorridas estancias de Portugal notei que pelas ruas passejavamos livremente alguns *coqueluchos*, em promiscuidade com as crianças vindas de todos os pontos do Paiz — o que achei lamentavel e condenavel. Chamei para o facto a atenção do medico da estancia, a vên se podia pôr um entrave áquela má convivencia, (autentica armadilha para quem ali chegava desprevenido e em busca de lenitivo aos seus sofrimentos e deparava com um perigosissimo fóco de infec-

ção) e o que obtive? Julgam que foi possivel entrar o mal? Ou ao menos isolar o fóco para assim reduzir o perigo ao minimo? Pura fantasia. Nada se fez, nada se conseguiu fazer pela simples razão de faltar tudo o que era necessario: comissões de higiene e comissões de poderes de agir, comissões de assistencia, pavilhões de isolamento, etc. Havia um unico processo, mas impraticavel: era fechar a estancia.

O fóco de infecção produziu, naturalmente, larga sementeira, disseminando-se á vontade por todo o Paiz. Um horror, uma vergonha, uma miseria, um verdadeiro crime social — que é preciso, custe o que custar, dêa a quem doer, acabar duma vez para sempre!

Ha poucos dias, na linda estancia thermal das Taipas, que bem pode servir de modelo, visitei um doente que vive no centro da povoação e tem, na moradia, uma varanda ampla e arejada (autentica galeria de cura) ao lado duma pocilga extravasando imundicie pelo terreiro alem, exalando um cheiro nauseabundo, pestilencial, ninho de moscas e mosquitos, que depois tudo vão conspurcar e infectar. Essa estancia tão bela, situada no coração duma das regiões mais atraentes de Portugal, podendo e devendo ser um centro de cura e de turismo —, para o que não lhe faltam as boas estradas, locais apraziveis, as aguas excelentes, maravilhosas sobretudo nas doenças de pele, e um hotel de recente construção, comodo, confortavel e asseado, rodeado dum lindo parque, livre do pó dos caminhos — corre o perigo de ser inutilizada se não obrigam a população nativa a respeitar os preceitos fundamentais da boa hygiene, com o que, de resto, todos teriam a lucrar. O ideal seria melhorar e desenvolver, na medida do possivel, aquilo que já hoje se pode considerar um magnifico exemplo a seguir. Hotéis no campo, á beira dos arruamentos ou das estradas, expostos ás poeiras e ás moscas — em vez de comodamente instalados dentro de parques ou jardins — estão absolutamente condenados, ninguém pense que se manterão ainda por muito tempo.

Ao vêr um tal fóco de infecção, essa pocilga a que acima me referi, perguntei ao sub-delegado de saúde que me ordenava a extincção de semelhante porcaria. Sabem o que ele me respondeu? Af vai *ipsis verbis*, para vergonha de quem pratica actos tão antipáticos e erros tão graves, que põem em sério risco a saúde publica:

Intimado o respectivo proprietario a extinguir o fóco pestilencial, não obedeceu á intimação. Em face disso, o sub-delegado de saúde officiou á comissão administrativa que não só não deu andamento á queixa mas até um dos vereadores que reside na locali-

dade e se diz formado em medicina, aconselhou o proprietario em questão (afirma-se) a não acatar a ordem recebida.

Confesso que me repugnou acreditar na veracidade do facto; mas perante os informes colhidos em fonte segura tive que convencer-me de que, na realidade, um homem que se diz meu colega, não duvidára proceder da maneira que aí fica exarada! Quem haveria de bom senso e de são criterio que admita que um vereador, intitulado-se medico, ouse abusar dessa dupla qualidade para contrariar uma ordem do sub-delegado de saúde, que visa á higienisação do povoado, ao saneamento, á limpeza, ao asseio da terra, á defeza estrenua da saúde pública?

Aqui ha, talvez, um grande equivoco, que eu muito desejaria ver desfeito e que cada um, collocado no seu logar, actuasse honrada, digna e nobremente. Um medico, por mero capricho, por politiquice ou por qualquer outro motivo inconfessavel a contrariar as ordens acertadissimas do sub-delegado de saúde — das quais pode depender a vida humana — não faz sentido, não deve em boa logica subsistir. A vida humana, repito, não pode estar á mercê duma tal criatura. Haverá equívoco, grave erro, uma perfeita leviandade — em todo o caso, ha, com certeza, um crime social e quem o pratica não tem o direito de continuar usando um diploma de a Faculdade de Medicina lhe conferiu. Justo seria que tal diploma lhe fôsse imediatamente cassado.

ANTONIO RAMALHO.

De «O Primeiro de Janeiro».

Diz-se...

Que vão ser continuadas as obras á volta do Castelo pela actual Comissão Administrativa e sob a direcção do Sr. José de Pina.

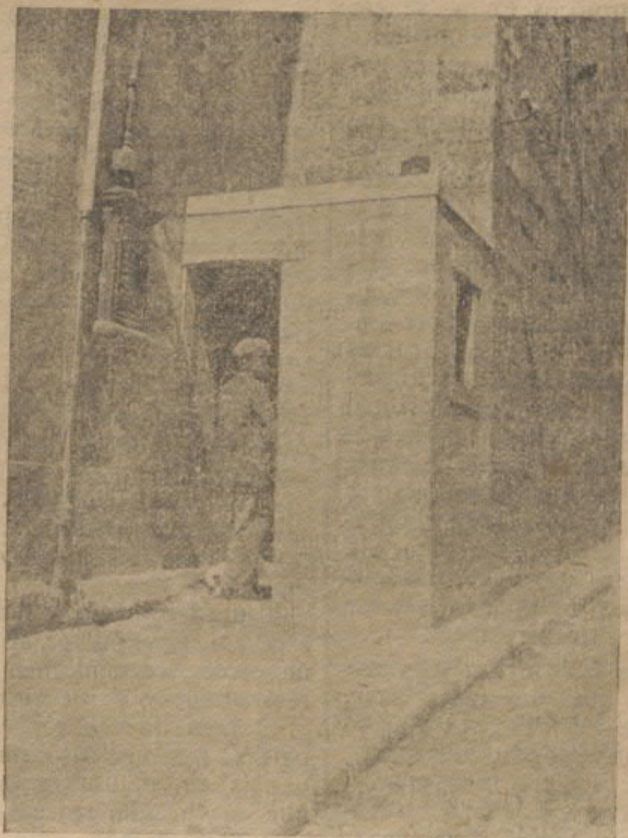
Que mereciam substituição alguns dos «pecegueiros bravos», que ornamentam a nossa Praça de D. Afonso Henriques.

Que o policiamento da cidade continua a ser detestável e péssimo.

Que vão ser iluminadas a Avenida de Alfredo Guimarães, a estrada da Costa e o Cemitério Municipal.

Que está prometida uma unidade militar completa para a próxima reorganização do Exército.

Ad perpetuam Gondicalvorum memoriam



Pelourinho dos Gonçalos

Viva a República!

Os números falam eloquentemente!

A administração republicana tem sido a mais honesta possível e a mais honrosa.

Os partidos políticos da República conseguiram impôr-se ao respeito dos seus inimigos e detractores.

Apesar da nossa intervenção na Grande Guerra, apesar da descanalisação das caudais de dinheiro, o freio pôsto á bacanal das despesas melhorou em muito a nossa situação financeira, a ponto de se conseguir com o máximo esforço tributário e o máximo de compressão de despesas um total de despesas muito inferior ao preconizado nos orçamentos de 1910-1911 e de 1927-1928.

E' o maior dos triunfos para os principios republicanos e o maior orgulho para todos aqueles que teem paixão pelas cadeiras do poder nos governos políticos.

Durante esse período de 18 anos reorganizaram as finanças da nação.

«Para que mais flagrantemente se evidencie essa linha fisionómica do nosso orçamento, reproduzimos a seguir um mapa sobre as despesas públicas, representadas em milhares de libras, á média anual do câmbio sobre Londres em relação aos anos económicos indicados. Tirámo-lo de um va-

lioso artigo *A crise financeira do Estado*, artigo que é uma afirmação da intelligencia superior e da vasta illustração economico-financeira de quem o escreveu.

Encontra-se publicado no Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, correspondente a Abril de 1928».

	Contas de gerência				Previsão
	1899-1910	1913-1914	1923-1924	1927-1928	
Ministérios					
Interior...	1.171	680	714	2.921	
Guerra...	1.786	1.985	1.624	3.511	
Marinha...	752	652	761	1.839	
Comércio...	1.258	794	608	1.046	
Estrang...	102	96	148	373	
Colónias...	741	388	122	194	
Agricult...	—	—	2.121	230	
Justiça...	262	212	145	292	
Instrução...	—	545	854	2.933	
Div. públ.	6.472	5.076	1.887	2.933	
Total...	13.632	11.277	9.840	17.325	

Abel Cardoso

De Viana do Castelo, veio a esta cidade o nosso presado correligionário e ilustre pintor vimaranense, sr. Abel Cardoso, digno director da Escola Industrial e Commercial de Francisco de Holanda.

As nossas saudações.

Questões de ensino

Sua Ex.^a o Ministro da Instrução Pública está a trabalhar, segundo as declarações que tem feito, no aperfeiçoamento deste ramo de Ensino, a fim de o tornar útil e proveitoso. Reconhece, e muito bem, que é necessário dispensar ao Ensino os cuidados que lhe merece, dando-lhe o que se lhe deve dar, sem o que o professor não pode, como deve e como deseja, cumprir o seu espinhoso dever. Tem sido tal a confusão no que diz respeito a questões de Ensino, que o aperfeiçoamento a que se devia ter chegado, tem-se tornado desaperecimento. Vasta e complicada legislação, sem resultados práticos, é o que se tem feito. O professor de qualquer grau e ramo de Ensino nunca pode, por mais competente que seja e por maior força de vontade que tenha, preparar bem os seus alunos, desde que lhe faltem outros elementos indispensáveis. Dê o Estado o que deve dar aos seus Estabelecimentos de Ensino, apetrechando-os do material didáctico necessário para o seu bom funcionamento; tirem-se tôdas as arestas no mais que está imperfeito, e a Instrução em Portugal chegará ao grau de perfeição onde desde há muitos anos devia estar. Não é somente de bons mestres que a Instrução precisa; ela precisa de tudo o que lhe falta, e é isto, segundo nos parece, que o actual ministro senhor Dr. Duarte Pacheco, procura resolver.

Mas não é apenas neste ramo de Ensino que há muito a fazer, muito a aperfeiçoar. O Ensino técnico padece dos mesmos males, ou de outros ainda mais graves, por que este, apesar de ser o *Ensino de todos*, tem sido abandonado, mesmo desprezado, digamos assim, enquanto que noutros países é protegido e amparado de tal forma que chega a ser uma vergonha para nós, o confronto das nossas Escolas de Ensino técnico com as de certos países estrangeiros. Se em Portugal há algumas mais ou menos completas, há muitas outras que têm sido completamente abandonadas, sendo sabido, como é, que o Ensino técnico é indispensável a um país que pretenda progredir e que há certas localidades, como Guimarães, centro comercial e industrial importantíssimo, onde não pode deixar de haver uma Escola Industrial e Comercial, o mais completa possível. Não é, pois, boa lógica, antes é falta de patriotismo, deixar de auxiliar este ou qualquer outro Ensino, nem representa bairrismo, de nenhuma espécie, a medida tomada pela Comissão Administrativa da presidência do sr. Dr. Gonsalo Meira, retirando do Orçamento um subsídio destinado à Escola de «Francisco de Holanda» — para obras e material. Esta medida representa a *curteza de vista* daqueles que a tomaram e representa ainda, e juntamente, uma falta de Amor Pátrio, porque de uma Pátria com filhos sem Instrução, nós poderemos dizer:

— Pobre Pátria que tais filhos tem!...

Todavia, não pensaram assim aqueles que deram a foicada no subsídio que tinha sido votado pela Comissão da presidência do sr. Capitão Duarte Fraga, a quem a causa da Instrução merecia o interesse devido. Vem tudo isto a propósito das intenções, aliás boas, do ex.^{mo} Ministro da Instrução, que devem ser seguidas também pelo ex.^{mo} Ministro do Comércio, afim de que ao Ensino Industrial e Comercial seja dado todo o auxílio possível da parte do Estado, para que as nossas Escolas técnicas possam corresponder ao fim para que foram criadas.

Que assim seja.

Um estrangeiro que dá lições proveitosas.
A oferta do sr. José Piñol.
Os operários e a escola.

Doutor-operário

Surpreendeu-me ha dias o «Diário do Governo» com o louvor publicado a um estrangeiro, sr. José Piñol, filho dessa bela e civilizada e nobre Catalunha, ninho de artistas e de patriotas indomáveis. Não foi, decerto, o facto dum estrangeiro ter sido oficialmente louvado pelo Governo Portuguez que me chamou a atenção; a causa desse louvor, sim, surpreendeu-me. Alegrou-me e entristeceu-me, ao mesmo tempo. E fez-me sismar um pouco.

O sr. José Piñol, que ha uns bons vinte anos vive em Portugal, numa embaixada activa e viril da actividade e da iniciativa catalã, que fundou fabricas com a facilidade com que eu escrevo uma cronica — visitara uma escola industrial portuense a — Escola do Infante D. Henrique — e, ao mesmo tempo que se pasmava ante o material humano — mestres e alunos — admirou-se da deficiência do mecanismo e materia prima para o ensinamento pratico.

— Quem fez isto? — indagou depois de examinar um prodigio de mecânica exposto numa das aulas-officina.

— Foram os alunos...

— E porque não funciona?

— Porque não possuímos um motor!

Tanto bastou para que, no dia seguinte, esse motor apparecesse na escola, regulado pelo visitante estrangeiro da vespera.

E' bom que se repise bem a palavra *estrangeiro* — embora ele o seja em minimo grau — para que do episodio se tire um perfeito ensinamento.

Em Portugal não se possui uma noção equilibrada do que deve ser instrução e trabalho, e daquela como preparação deste. Dividimos os nossos moços em tres categorias e encarreiramos em tres destinos: para doutores, se ha dinheiro para estudos longos e caros; para empregados de comercio — se ha pressa em que eles comecem a ganhar a vida; para o trabalho manual na ultima hipotese. Mas o trabalho manual, para os que são obrigados a viver dele, raramente representa officio e muito menos especialisação consciente. Na resignação do nosso povo tão desprezado de orientadores, julga-se que basta ter mãos fortes e braços bem musculados. Não se visiona a vantagem do estudo, da criação do operario aperfeiçoado e competente; não se vê que um operario com especialisação e preparação tecnica rende o dobro a industria e deve render também a ele proprio — porque deve ganhar melhor, sair da miseria de uma existencia de tolerado, para ser um homem com todos os direitos á vida, á alegria, ao bem-estar.

Os grandes paizes, os paizes prosperos, os paizes de industria poderosa — são os que dispõem de um exercito consciente e bem preparado de operarios. O operario moderno não pôde ser um *prático* apenas, uma besta cega, guiada pela ciceronagem do engenheiro. E' indispensavel dar-lhe luz; *doutoral-o* — não só pelos beneficios morais que daí provém, como para estabelecer uma gerarquia de sciencia e de trabalho dentro da classe.

As escolas industriais do nosso paiz estão desprevenidas e desprezadas. O ensinamento não pôde atingir a grandeza desejada por falta de material. Os industriais, que deviam ser os primeiros a prever as facilidades que á sua produção lhes traria uma futura massa de trabalhadores bem preparados — não virão ou es-

quecem-se de ajudar particularmente. Ser-lhes-ia fácil e pouco custoso, entre todos, oferecer ás escolas desta especialisação, não direi a maquina que lhes falta, mas materias primas, restos da sua fabricação, desperdícios, etc.

Que o gesto do estrangeiro sr. Piñol sirva de lição aos nacionais e que um futuro próximo, nesta terra de super-abundancia de doutores — comece a haver também doutores formados em trabalho manual...

Reporter X.

De «O Primeiro de Janeiro».

Exposição de trabalhos na Escola Industrial, desta cidade

Foi no passado dia 24 que recebemos um convite para assistirmos á abertura da Exposição de trabalhos na «Escola Industrial de Francisco de Holanda», e, com franqueza, dirigimo-nos lá com o maior dos prazeres não só por desejarmos saber do aproveitamento dos alunos, mas também para mais uma vez patentearmos o nosso reconhecimento de vimaranenses ao dignissimo director daquele estabelecimento de ensino, Sr. Abel Cardozo.

As impressões colhidas ultrapassaram tôda a expectativa, e, sem dúbida, que a iniciativa é das mais louváveis.

Honra os mestres e os alunos. O conjunto é agradável e merece referências elogiosas, já pela disposição, já pela qualidade de trabalhos apresentados.

Todos os vimaranenses devem ir visitar esse aglomerado de obrasinhas, apreciá-las convenientemente para nenhum receio terem de amanhã mandar os seus filhos áquele estabelecimento de ensino, que embora não seja môdêlo, muito ensino aproveitável pôde ministrar já.

Num futuro mais ou menos próximo, crêmo-lo, a «Escola Industrial» da nossa terra deve impôr-se á consideração dos mais exigentes porque satisfará áqueles requisitos que são elementos da sua função e do seu objectivo. As ideias sairão concatenadas de fórma a encarar a prática como ela deve ser, sem receios de maior ou hesitações injustificáveis.

— Em *desenho ornamental* teremos a destacar as cinco cabeças a dois lápis do aluno António Malheiro Rodrigues, de traço e leveza tais que será difficil encontrarmos melhor por essas escolas além. Alberto de Sousa, aluno de inexgotáveis recursos, também honra esta secção de sobremaneira, quer pela delicadeza do trabalho quer pela firmeza de linhas que o contornam.

— Na aprendizagem de *deseño da construção civil*, mencionaremos o aluno Manuel da Silva Ribeiro que é incontestavelmente o melhor. O projecto para a construção duma casa satisfaz plenamente. Temos a certeza de que não virá para a vida prática com os olhos de todo fechados.

— Na secção de *deseño para Marcenaria e Indústrias Textis* faremos referência a Sérgio Martins de Carvalho e Gervásio Gonçalves da Silva, que são bons alunos e tem noção do que fazem.

— Em *lavoros*, secção feminina, gostamos imenso dos trabalhos expostos. Noémia Peixoto de Miranda, Maria Eduarda Freitas, Amélia Cristina Ferreira Gonçalves, Maria Luiza Mota Prego Faria, Maria da Assunção Mendes Neves, e tantas outras, são almas que não desmereceram da sua illustre professora. E aqui abrimos um pequeno parentesis para louvar a orientação seguida neste curso, que é a que fará verdadeiras donas de casa as meninas da

Exposição de Pintura

por Ventura Júnior

em VIZELA

No Salão do Hotel Sul-Americano foi inaugurada, no passado dia 5, a exposição de pintura do sportman e artista, sr. Ventura Júnior, da cidade do Porto, com percentagem a favor do Hospital de Vizela.

Novo na arte de pintar, Ventura Júnior tem técnica modernissima, olha a paisagem através dum prisma que vivifica as côres, domina fortemente o traço e sabe resguardar-se de influências estranhas, divorciado como nos parece de outras escolas e dando somente largas á sua sensibilidade artistica.

Quem percorrer serenamente e atentamente o olhar pelos quadros de Ventura Júnior, encontra neles um culto á terra que dir-se-ia atavismo de raça e onde a visão faz ressurgir madrugadas claras e tarde de sol-pôr-caudal de regionalismo a temperar belezas renovantes.

Não diremos que experimentamos um forte espanto e que o seu pincel obrasse prodígios; mas gostamos do conjunto dos seus quadros e esperamos que a continuidade de trabalho lhe profetize um futuro de glórias.

Das 50 telas apresentadas, destacaremos os *Ultimos raios de Sol (Gralheira)*, os *Barcos á descarga, Boa Nova (Marinha)*, o *Fim da tarde, a Meda de palha, Pelargonios, os Principios de cheia e a Primavera (Sinfães)*.

Do resto, tábuas pequenas, são mais impressões colhidas nos arredores do Porto, peças de cerâmica, flores, etc., cuja escala de valores nos dá obrasita ligeira.

L.

Bombeiros Voluntários de Guimarães

Na parada do Quartel desta benemerita Corporação tem continuado as sessões cinematograficas, as quais tem agradado plenamente.

Pena é que as noites estejam bastante frescas o que muito tem prejudicado a concorrência do público.

Amanhã ha nova sessão com films escolhidos a capricho e varios números de variedades.

geração actual. Sem melindres, mas apreciamos muito a arte de casear, passajar, pregar botões ou colchetes, remendar, etc.

De resto, os trabalhos são bem combinados, tem lindos motivos e revelam boa paciencia e estudo.

Os trabalhos práticos de *caligrafia* tem um bom aluno, Manoel da Silva Antunes. Os outros dois, posto que inferiores, não merecem que os desprimoremos se dissermos que gostamos dos seus trabalhos.

— A *química aplicada* tem interesse e revela estudo.

— De *deseño mecânico* estão expostos alguns trabalhos.

A Exposição continua aberta até 20 de Setembro.

Pela gentileza do director daquele estabelecimento de ensino, sr. Abel Cardozo, sentimo-nos profundamente gratos.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Noticias pessoais

Ha dias que se encontra na Povoia de Varzim, acompanhado de sua Ex.^{ma} familia, o nosso presado amigo e valioso correligionario, sr. Clemente Pinto Teixeira da Costa.

— Em gosa de licença, seguiu ha dias para as Termas das Taipas, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, o nosso estimado amigo e correligionario sr. João de Faria e Sousa Abreu, tesoureiro da Câmara Municipal de Guimarães.

— Em Caldelas, a tratar da sua saude, encontra-se o nosso presado amigo sr. Monsenhor José Maria da Silva, digno professor-director do Internato Municipal.

— Em goso de licença, encontra-se na sua casa de Celorico de Basto, o nosso presado amigo sr. Francisco José de Sousa Machado, muito digno chefe da Agência da Caixa Geral de Depositos, desta cidade.

Vice-Reitor do Liceu

Por portaria do «Diário do Governo» foi nomeado Vice-Reitor do Liceu Martins Sarmento, o digno professor e illustre artista, sr. José Luiz de Pina.

Apresentamos os nossos cumprimentos mais respeitosos.

EDITAL

Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-chefe da 1.^a Circunscricção Industrial.

Faço saber que a Fabrica de Fiação e Tecidos do Bairro, L.^a, pretende licença para estabelecer uma fabrica de Fiação e Tecidos, Tinturaria e Serralheria, no lugar do Van freguesia de Lordelo concelho de Guimarães distrito de Braga, confrontando ao norte e sul com terreno do requerente, nascente com Rio Vizela e poente com terreno do requerente.

E como o referido estabelecimento industrial se acha comprehendido na tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incomodas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8.364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.^a classe, com os inconvenientes de barulho, trepidações, perigo de incendio, fumos, emanações, fumos nocivos e inquinação das águas, são por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 1.^a Circunscricção Industrial, com sede no Porto, rua Sá da Bandeira n.º 229-1.º, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no praso de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.^a Circunscricção Industrial, 6 de Agosto de 1928.

O Engenheiro-chefe,

J. Salvador Viegas.

GRAFONOLAS e discos Homocord, Odeon e outros, últimas novidades, e agulhas próprias para todos os sons, vendem-se na Casa de Santa Teresinha, Rua da República, 122.